



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-392-7

DOI 10.22533/at.ed.927202109

1. História – Pesquisa. 2. Historiografia. 3. História - Metodologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No e-book “Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História”, estão reunidos vinte e sete artigos que dialogam entre questões atualizadas e relevantes da pesquisa em história. São quatro grupos divididos por subtemas.

O primeiro grupo, do subtema “História, Educação e Metodologia”, são seis artigos que apresentam resultados em torno das instituições educacionais e debates educacionais no período imperial brasileiro, o papel da pesquisa (auto)biográfica, uma pesquisa que retrata particularidades do Exército brasileiro e propostas entre história e sala de aula.

O grupo dois, “Trabalho, Luta e Identidade”, são seis artigos, dentre eles, uma pesquisa que destaca o discurso do imperador japonês aos seus súditos justificando a rendição japonesa na segunda guerra mundial. Outros artigos destacam a luta operária e a construção de identidades numa interessante intriga historiográfica convidativa ao debate.

O grupo seguinte, “Cinema, Literatura e Arte”, são cinco artigos que trazem pesquisas atuais que entrelaçam história, cinema, arte e literatura. Este conjunto de pesquisas apontam para a pluralidade de possibilidades da pesquisa em história, vale a pena conferir.

Fecham o e-book, cinco artigos que dialogam sobre “Cidades e Particularidades”, trazendo informações das cidades de: Gramado/RS e a origem do turismo; Paraty/RJ de 1965 a 1920; o calçadão da Gameleira na cidade de Rio Branco/AC e; o cargo do Santo Ofício na Bahia.

Navegando pelo índice, com certeza, não menos que um, se não todos os subtemas lhe chamarão a atenção.

Aceite o prazer desta leitura!

Willian Douglas Guilherme
Organizador

SUMÁRIO

HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E METODOLOGIA

CAPÍTULO 1..... 1

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UM DEBATE SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DA CORTE IMPERIAL BRASILEIRA

Diego Dias Salgado

DOI 10.22533/at.ed.9272021091

CAPÍTULO 2..... 18

O REPOSICIONAMENTO POLÍTICO DO BARÃO DE ABIAHY NOS DEBATES EDUCACIONAIS DO FIM DO IMPÉRIO

Suênya do Nascimento Costa

DOI 10.22533/at.ed.9272021092

CAPÍTULO 3..... 28

UM OLHAR SOBRE A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Patrícia Simone de Araujo

Sônia Maria de Magalhães

DOI 10.22533/at.ed.9272021093

CAPÍTULO 4..... 39

A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior

DOI 10.22533/at.ed.9272021094

CAPÍTULO 5..... 46

INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A HISTÓRIA DO CONHECIMENTO SISTEMATIZADO

Paulo Augusto Tamanini

Gislânia Dias Soares

Ocimara Fernandes Negreiros Oliveira

Risalva Ferreira Nunes de Medeiros

Vanusa Maria Noronha Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.9272021095

CAPÍTULO 6..... 58

O PENSAMENTO HISTÓRICO: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE AULA

Fabricio Adriano

DOI 10.22533/at.ed.9272021096

TRABALHO, LUTA E IDENTIDADE

CAPÍTULO 7..... 70

A HONRA MESMO NA TERRA-ARRASADA: O ORGULHO JAPONÊS OBSERVADO NO ÉDITO IMPERIAL AO POVO DO JAPÃO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945)

Pedro Antonio Saraiva de Carvalho Pereira Francez

DOI 10.22533/at.ed.9272021097

CAPÍTULO 8..... 77

A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO DE MENINOS NEGROS NA ESCOLA CENTRAL DE MACEIÓ (1887-1893)

Marcondes dos Santos Lima

DOI 10.22533/at.ed.9272021098

CAPÍTULO 9..... 87

DIREITOS TERRITORIAIS: AS LUTAS E AS “BATALHAS” EM BUSCA DE RECONHECIMENTO DE DIREITOS

Elisandra Cantanhede Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.9272021099

CAPÍTULO 10..... 97

JACY, A OPERÁRIA: DEFENDENDO DIREITOS TRABALHISTAS. IMBITUVA/PR, 1966

Raiele Kollaritsch

Vania Vaz

DOI 10.22533/at.ed.92720210910

CAPÍTULO 11..... 109

PROCESSO SOCIO-HISTÓRICO E O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

DOI 10.22533/at.ed.92720210911

CAPÍTULO 12..... 121

HERÓIS OU BANDIDOS? AS REPRESENTAÇÕES DAS MILÍCIAS NO RIO DE JANEIRO (2007-2010)

Michelle Airam da Costa Chaves

DOI 10.22533/at.ed.92720210912

CAPÍTULO 13..... 133

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INTOLERÂNCIA AO CIGANO: DO MITO DO SURGIMENTO DOS CIGANOS AOS MATERIAIS DIVULGADOS EM SALA DE AULA

Marcio Edovilson Arcas

Ademilson Batista Paes

DOI 10.22533/at.ed.92720210913

CAPÍTULO 14	146
O SERTÃO ENTRE O ANTIGO E O MODERNO? APONTAMENTOS DO TEMPO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA E OS USOS DA SINCRONIA PARA A COMPLEXIFICAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.92720210914	
CAPÍTULO 15	156
CONTEXTO PROFISSIONAL DO BAILARINO: ASPECTOS HISTÓRICOS	
Ana Lígia Trindade	
Patrícia Kayser Vargas Mangan	
DOI 10.22533/at.ed.92720210915	
CAPÍTULO 16	166
DAS DANÇAS SACRAS E PROFANAS NO BRASIL COLONIAL: TRANSFORMAÇÕES, IDENTIDADES E APROPRIAÇÃO	
Jéssica Viana Marques	
João Balduino de Brito Neto	
Mikaela Dantas Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.92720210916	
CAPÍTULO 17	173
RESGATANDO VOZES E REMEMORANDO HISTÓRIAS: O LUGAR DE FALA ZAPATISTA NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA	
Rodrigo de Moraes Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.92720210917	
CINEMA, LITERATURA E ARTE	
CAPÍTULO 18	183
A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA COMO EXPRESSÃO DE INTERCULTURALIDADE NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO	
Harley Pereira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92720210918	
CAPÍTULO 19	192
OPERACIÓN MASACRE (1972) E O CINEMA DE INTERVENÇÃO POLÍTICA NA ARGENTINA	
Mirela Bansi Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210919	
CAPÍTULO 20	201
DISCURSOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRAFICOS SOBRE O FEMININO: IDENTIDADE, FEMINISMO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DO FILME “AS HORAS” (2002)	
Natália Gomes da Silva Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210920	

CAPÍTULO 21.....217

O FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS OBRAS: O QUINZE, VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA

Aline Vieira Fernandes

Mayara Benevenuto Duarte

DOI 10.22533/at.ed.92720210921

CAPÍTULO 22.....229

“UMA SENHORA BRASILEIRA EM SEU LAR”: REPRESENTAÇÕES DE LEITORAS PELOS PINCÉIS DE DEBRET

Sílvia Rachi

DOI 10.22533/at.ed.92720210922

CIDADES E PARTICULARIDADES

CAPÍTULO 23.....242

“UMA VERDADEIRA SUIÇA BRASILEIRA”: ORIGENS DO TURISMO EM GRAMADO (RIO GRANDE DO SUL, SÉCULOS XIX-XX)

Eduardo da Silva Weber

Daniel Luciano Gevehr

DOI 10.22533/at.ed.92720210923

CAPÍTULO 24.....255

PROCESSOS NATURAIS E ANTRÓPICOS DE ALTERAÇÃO DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE PARATY, BRASIL, 1965-2020

Rodrigo Zambrotti Pinaud

DOI 10.22533/at.ed.92720210924

CAPÍTULO 25.....267

O CALÇADÃO DA GAMELEIRA EM RIO BRANCO, ACRE: UMA LEITURA CRÍTICA À LUZ DOS CONCEITOS DE CESARE BRANDI

Pedro Augusto Queiroz de Souza

DOI 10.22533/at.ed.92720210925

CAPÍTULO 26.....279

ITABAIANA: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA CARÊNCIA DE CONSCIENTIZAÇÃO PATRIMONIAL COMO AMEAÇA À MEMÓRIA EDIFICADA

Nycole de Araújo Régis

Charles Andrade Pereira

DOI 10.22533/at.ed.92720210926

CAPÍTULO 27.....284

O CARGO DE FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO E AS HABILITAÇÕES INCOMPLETAS PARA BAHIA

Cleílton Chaga Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.92720210927

SOBRE O ORGANIZADOR.....	294
ÍNDICE REMISSIVO.....	295

CAPÍTULO 13

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INTOLERÂNCIA AO CIGANO: DO MITO DO SURGIMENTO DOS CIGANOS AOS MATERIAIS DIVULGADOS EM SALA DE AULA

Data de aceite: 01/09/2020

Data de Submissão: 04/06/2020

Marcio Edovilson Arcas

Mestrando – PGEDU/UEMS/Paranaíba-MS.
<http://lattes.cnpq.br/1079847577264025>

Ademilson Batista Paes

Docente PGEDU/UEMS. Líder do GEPHEB - Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira
<http://lattes.cnpq.br/3783619047788603>

RESUMO: Os ciganos têm sido no decorrer da História (no mundo todo) apresentados como grupo nômade, de moral torpe, e em casos extremos, raça inferior. Este trabalho aborda características particulares dos ciganos no Brasil, aspectos de sua cultura, religião, escolarização, código moral e demais tradições; apresenta uma discussão sobre o termo “ciganos”, e como grupos distintos tem sido rotulados como iguais no decorrer da história. Discute sobre processos que resultaram em discriminação, intolerância, racismo e casos de violência, apresentando uma revisão bibliográfica que discorre do mito do surgimento dos ciganos, os problemas destas minorias e como citações na literatura brasileira vieram a endossar a ideia de que dos ciganos herdamos nossa malandragem e o quanto são perigosos e traiçoeiros. No âmbito escolar, apontamos como materiais divulgados em sala de aula reforçam a marginalização, e a evasão escolar apontando o descaso dos órgãos

públicos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Cigana no Brasil, Intolerância, Escolarização

THE HISTORICAL CONSTRUCTION OF GYPSY INTOLERANCE: FROM THE MYTH OF GYPSIAN SURGERY TO CLASSROOM MATERIALS

ABSTRACT: Gypsies have been throughout history (all over the world) presented as a nomadic group of morals and, in extreme cases, an inferior race. This paper addresses particular characteristics of gypsies in Brazil, aspects of their culture, religion, schooling, moral code and other traditions; presents a discussion of the term “Gypsies”, and how distinct groups have been labeled as equals throughout history. It discusses processes that resulted in discrimination, intolerance, racism and cases of violence, presenting a bibliographic review that discusses the myth of the emergence of Gypsies, the problems of these minorities and as citations in the Brazilian literature came to endorse the idea that we inherit our Gypsies. roguery and how dangerous and treacherous they are. In the school context, we point out how materials disseminated in the classroom reinforce marginalization, and school dropout pointing to the neglect of public agencies.

KEYWORDS: Gypsy Culture in Brazil, Intolerance, Schooling

PECULIARIDADES NO ESTUDO SOBRE GRUPOS DE CIGANOS

Neste texto iremos apresentar alguns

aspectos da cultura cigana, discutiremos suas origens, os processos migratórios muitas vezes forçados pela intolerância e sua chegada no Brasil; a partir daí iremos apontar como a literatura brasileira e os dicionários, contribuem para a manutenção do preconceito na atualidade e por fim iremos discutir o papel da escola no trato com os ciganos. Não teremos como objetivo esgotar o assunto, estas reflexões e conclusões fazem parte de uma pesquisa mais ampla que estuda a presença de ciganos na cidade de Santa Fé do Sul/ SP; no entanto, este assunto não será tratado neste momento.

Como concluiu BOURDIEU(2004), entre a produção cultural (literatura, ciência) existe um outro universo social, esse universo social obedece a leis sociais “mais ou menos específicas”; tratar de uma obra, analisando somente o contexto do autor ou o somente o estilo; para ele, texto e contexto devem ser entendidos. Neste sentido, propomos que ao falarmos de formas nas quais os ciganos foram e são representados, do processo educacional que lhes é oferecido, precisamos ter em mente qual o contexto, quais os “espíritos” motivavam o tempo e o espaço, quais motivos estiveram por trás das produções que lhes representaram.

Qualquer investigação requer tempo e habilidades, como disse GINZBURG(1989), devemos estar atentos aos sinais e criarmos, aprendermos, mecanismos que consigam decifrá-los; para que assim como nos casos citados por Ginzburg, possamos adquirir as habilidades de um grande investigador (Sherlock Holmes) e de um grande psicanalista (S. FREUD). Assim, nosso objeto, se apresenta como uma grande investigação, pois, os ciganos, como minoria não tem sido representada (a não ser de forma pejorativa como iremos analisar) e sua cultura e história não fazem parte do conhecimento geral, dando margem para que o preconceito e a intolerância se perpetuem por séculos.

Conceituar grupos como ciganos e tentar padronizá-los, ou uniformizá-los, é um grave erro, como alertou FAZITO(2006), existem vários grupos que com o tempo foram nomeados como ciganos, grupos espalhados nas mais variáveis regiões do mundo; devido a constante migração, marca principal dos grupos nomeados como ciganos; estes grupos foram se fragmentando e se misturando com costumes das regiões que iam desbravando em busca da sobrevivência; em muitos destes grupos os indivíduos nem se tratam como ciganos mas sim como um grande família que preserva costumes antigos. O autor ainda alerta que os ciganos não são definidos como etnia ou nação, gerando desconforto quando são mencionados; assim, iremos utilizar a expressão racismo, sem nos aprofundarmos das discussões necessárias para chegarmos a esta definição ou outras.

Para estudar os grupos ciganos é preciso aprofundar na importância de sua língua (Romani), suas vestimentas, suas tatuagens, conforme indica HILKNER(2008):

Percebemos, assim, que os ciganos pertencem durante séculos a uma cultura ágrafa, sem escrita, sem literatura própria. É um povo de tradição oral. Isso é fato. No entanto, acrescentamos a essa perspectiva um outro olhar: o povo cigano como um povo fundamentalmente de tradição corporal. (...) Ciganos

vivem a condição de itinerância e de suas conseqüências. A tentativa de resgatar essa história, de aprender com ela resulta do desejo de compreender como uma identidade se constrói nesse nomadismo ...(p.05)

Ainda, segundo FAZITO(2006), geralmente o cigano tem sua identidade definida de forma reduzida ao núcleo familiar que fazem parte, desconhecendo muitas vezes outros grupos e por isto, nenhum grupo cigano conhece todos os detalhes sobre os outros grupos. Não temos números oficiais sobre o número de ciganos no mundo e no Brasil (dos que se declaram ciganos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) conseguiu mapear 500 mil pessoas vivendo em 291 acampamentos em 21 estados do País; números de 2018, no entanto observamos que a pesquisa não levou em conta os ciganos sedentarizados), e sua história, em muitos casos, limita-se aos membros mais antigos do grupo, sendo que, entre vários grupos ciganos, aquele que revela os segredos da família pode vir a ser expulso; criando assim, uma nuvem de incertezas e mitos em torno dos ciganos.

Cigano s.m. Individuo de um povo nômade, sem nacionalidade, definida. (Diz-se também gitano; e em São Paulo e no centro de Minas Gerais, quico). (fig) Individuo boêmio, erradio, de vida incerta. Astuto, trapaceiro, velhaco. Vendedor ambulante de artigos e armarinho. Nome de um carneiro guia. Língua indo-européia do subgrupo índio do NW, mas separada dele desde o século V de nossa era, falada pelos nômades chamados ciganos. Divide-se em dois ramos: o asiático (cigano da Palestina) e o europeu, levado através da Pérsia a Armênia a toda Europa, desde o século XXII. Estendeu-se depois às Américas. O cigano apresenta grande mescla com os elementos linguísticos de cada país. Calcula-se em c. de 500.000 o número de indivíduos que dela se utilizam. Essa língua, na Espanha, recebe o nome de caló. (Larousse, 1973. p.1662-1664)

Conforme a citação a cima da enciclopédia Delta Larousse, depois fazer uma análise histórica da origem dos ciganos e mencionar vários casos de perseguições, traz algumas questões importantes; o caráter discriminatório das perseguições, as constantes tentativas de controla-los, as tentativas de exterminá-los; e o que chama atenção, são as constantes violências sofridas em longos períodos históricos. Mas sabemos que enciclopédias atendiam aos interesses da burguesia, e por mais detalhada que seja, não podemos aceitar que todo o conhecimento de vários grupos de pessoas possa ser resumido em tão poucas linhas, ou mais, devemos aceitar que tal conhecimento nunca poderá ser contemplado e qualquer resumo (como no caso deste texto) deve ser pensado como forma reduzida da realidade.

E ainda, qual o impacto de uma criança que pesquisando sobre os ciganos, sendo de família cigana ou não, sofre ao ler definições como: “Individuo boêmio, erradio, de vida incerta. Astuto, trapaceiro, velhaco”.

Conforme FERRARI(2006), existe uma tentativa de afirmação dos Romani como ciganos verdadeiros, estes buscam a provar que são os possuidores da verdadeira cultura, língua e origens ciganas. Dos Romi surgem algumas divisões, os Rom, que migraram no século XIX para o Leste Europeu, sendo os Kalderash (autênticos e nobres), os Matchuara,

os Lovara e os Tchurara, tendo como língua cigana considerada verdadeira o “vlax romani”. Outra “linhagem” é identificada, os Manouch (Sinti, da língua Sintó), viviam nas regiões da Alemanha, Itália e França. E os Calon (Caló), que viviam na Península Ibérica (uma subdivisão marginalizada dos Rom, Cabe aqui uma reflexão distinta, este grupo sofre discriminação dos demais grupos Rom, fato que é interessante pois como apontou FREYRE(2006), os portugueses também não eram considerados europeus “puros” devido as misturas culturais com os mouros).

A origem exata dos ciganos é incerta, o que tem sido feito é uma busca pelo rastro deixado na história, rastro que segundo HILKNER (2008), busca nas perseguições nas quais sofreram, nos casos de extrema violência motivados várias vezes por questões religiosas como nos exemplos dos séculos XVIII e XIX, quando foram vendidos como escravos, ou grupos exterminados na Europa acusados de canibalismo, entre outros; os lugares onde foram de alguma forma mencionados ou documentados. Devido às práticas religiosas distintas do catolicismo foram tratados como inimigos de Deus e apresentados como perigosos e violentos na Europa, no entanto antes, no Oriente Próximo, sua origem é envolta a lendas que dão margens ao preconceito e ao racismo; infelizmente, a história destes povos é uma história de constantes conflitos e perseguições.

Talvez a perseguição mais simbólica em relação aos ciganos tenha sido as da Alemanha Nazista, Hitler os intitulou como “elementos sociais” em 17/10/1939, foram proibidos de saírem de seus acampamentos e três dias depois foram transferidos para campos de concentração; -“Depois dos judeus, os ciganos”, proferia Hitler em seus discursos raivosos. Como tem suas origens relacionadas à Índia, os nazistas fizeram várias experiências com ciganos para traçar quais relações esta “raça” possuía com a raça ariana, que também teria se desenvolvido na Índia. Vale ressaltar que a Alemanha não foi a única nação moderna a persegui-los, leis foram criadas em diversos países, inclusive na Inglaterra, EUA e U.R.S.S., leis que determinavam o tempo que poderiam acampar em determinadas regiões e a distância que deveriam manter dos “cidadãos”, sem contar, como podemos imaginar, nas várias vezes que ciganos foram acusados de praticarem crimes como rapto de crianças, furtos, estupros, a cada região deixada pra trás, toda uma nuvem de acusações era levantada; muitas vezes com fundamento até, mas na grande maioria não passava de boatos maliciosos.

MITOLOGIAS SOBRE OS CIGANOS E AS PERSEGUIÇÕES

Na cultura hebraica, Lilith é um demônio, que se alimenta de sangue; segundo a mitologia regional, ela teria sido uma mulher proibida de Adão que, além do adultério com o primeiro homem, era amante de demônios; destes relacionamentos gerou filhos, sendo estes, os ciganos.

Quando os seres humanos começaram a multiplicar-se na terra e tiveram filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos humanos eram bonitas, escolheram para mulher as que entre elas mais lhe agradará. E o SENHOR disse: “Meu espírito não ficará para sempre com os seres humanos, porque eles são apenas carne. Não viverão mais do que cento e vinte anos”. Havia então gigantes na terra, mesmo depois que os filhos de Deus se uniram com as filhas dos humanos e lhes geraram filhos. São eles os heróis famosos dos tempos antigos. O SENHOR viu o quanto havia crescido a maldade das pessoas na terra e como todos os projetos de seus corações tendiam unicamente para o mal. Então o SENHOR arrependeu-se de ter feito os seres humanos na terra e ficou com o coração magoado. E o SENHOR disse: “Vou exterminar da face da terra essa gente que criei e com ela os animais, os répteis, e até as aves do céu, pois estou arrependido de tê-los feito”. Mas Noé encontrou graça aos olhos do SENHOR. (Gênesis, 6: 1-8)

O mito se apega nestes versos bíblicos citados acima, os filhos de Deus seriam os anjos que vagavam pela Terra (exemplo, ver diálogo entre Deus e Lúcifer, anjo que após “rodear” a Terra foi ter uma sessão com Deus, Livro de Jó, Capítulo 2); estes se relacionaram com as mulheres, e destas misturas surgiram Gigantes, que segundo a tradição bíblica entram em extinção em algum momento após a instalação da monarquia em Israel; e os ciganos, seriam os filhos de Lilith com demônios (anjos caídos), estes filhos não entraram em extinção e muito pelo contrário, eram vistos como castigo pelo “povo de Deus”.

Em Isaias 34:14 o profeta profere uma maldição ao povo de Israel. Se os adoradores do “deus verdadeiro” não se voltassem contra suas práticas: “Gatos selvagens se encontrarão com hienas. O bode chamará o companheiro, *até o fantasma de Lilit se instalara ali e encontrará um lugar de repouso*”. Os ciganos eram incômodos como vizinhos para os judeus, e se estes não se voltassem para o Deus de Israel, seriam tão amaldiçoados que os ciganos iriam encontrar repouso junto aos seus acampamentos e cidades. Centenas de anos após esta citação, nos campos de concentração, ambos estiveram juntos, sofrendo com o racismo alimentado por crenças equivocadas.

Mas como já vimos, a origem cigana é relacionada à Índia, lá, dentro do regime de castas, seriam adoradores de Kali, uma deusa que adorava sangue; esta bebia o sangue dos vencidos em guerras; na estrutura social da Índia, por serem adoradores de Kali, os ciganos acampavam próximos dos crematórios; ou seja, não possuíam destaque no regime sectário hindu.

Note que em ambos os casos, na mitologia hebraica, ou na casta indiana, os ciganos foram relacionados as entidades que se alimentavam de sangue; o que não durou para que na Idade Média fossem relacionados aos vampiros e por isto, foram perseguidos em vários casos.

Outra versão, abordada por Jordana Arestich, e segundo a mesma a mais aceita pelos ciganos brasileiros; os ciganos teriam sido os fabricantes dos pregos da Cruz de Cristo, ou ainda, dos ciganos teria vindo os conselhos maliciosos para que Judas vendesse-o aos romanos. Mas ainda existe uma terceira versão, nesta o prego que transpassou os pés de

Cristo teria sido tirado por um cigano, este ato de piedade teria lhe rendido perdão por seus crimes e suas gerações futuras foram agraciadas com a salvação.

Segundo Andrade Junior(2013) surge uma outra relação dos ciganos com Jesus e Maria, mas alerta, que no entanto, as perseguições religiosas não tinham referência direta a mais esta lenda e sim com as práticas religiosas particulares; as fugas das perseguições somente contribuíram para o nomadismo e a manutenção da língua.

Sua origem é incerta; há os que afirmam que são originários da Índia ou Egito, no último caso teriam negado auxílio a Virgem Maria, o que lhes teria rendido uma maldição. Caso que não era o principal para as perseguições religiosas católicas, já que praticam a leitura de mãos, não batizam seus filhos, não se casam na Igreja; ou seja, tem uma religião própria, com moral diferente da católica, e por tanto eram vistos como hereges.

Num caminho diametralmente oposto a isso estão os ciganos que saem da Índia por volta do ano 1000 e, depois, em ondas migratórias mais claramente identificadas nos séculos XV e XIX, se espalham pelo mundo levando consigo sua cultura e suas experiências. Os ciganos buscam em seu nomadismo uma independência em relação ao outro cultural e com isso conseguem manter sua cultura quase intacta e, ao mesmo tempo, manter um estado de permanente tensão entre seus membros e as culturas que em seu périplo o contato torna inevitável. Permanecer estranho ao outro é uma das táticas encontradas por eles para não segmentar suas práticas e, de certa forma, amalgamar seus discursos como grupo social.(p.04)

Com suas origens relacionadas à mitos, e escassez de documentação, os grupos ciganos podem ser relacionados a qualquer tipo de explicação; por isto, durante a história, os mesmos tem sofrido com perseguições motivadas pelo estilo e moral adversa aos padrões cristãos ocidentais, quando não acusações infundadas geram todo um conjunto de situações adversas aos ciganos; que com sorte, conseguem fugir para outras regiões.

O mito, como vimos, não possui sólidos alicerces de definições. Não possui verdade eterna e é como uma construção que não repousa no solo. O mito flutua. Seu registro é o do imaginário. Seu poder é a sensação, a emoção, a dádiva. (ROCHA, 1999)

No centro da religiosidade cigana está a figura da Santa Sara Kali, canonizada pela Igreja Católica no século XVIII. De sua origem surgem várias lendas; a mesma seria serva das três Marias presentes na crucificação de Cristo, ou ainda, segundo Dan Brow, em O Código da Vinci, é tratada como filha do relacionamento entre Jesus e Maria Madalena. No entanto, entre os ciganos, na versão mais aceita, ela seria serva e parteira auxiliar de Maria, teria sido a parteira no nascimento de Cristo, e após a sua morte, como punição romana, teria sido lançada ao mar com outras personagens do Novo Testamento, e após fazer uma promessa, não mais tirar o véu da cabeça se fossem salvos, chegaram na França onde hoje é Saints-Maries-de-la-Mer, e lá teriam sido acolhidos por um grupo de ciganos. O nome Sara é de origem hebraica e Kali de origem indiana, que pode ser uma menção

a deusa Kali, ou significar “pele escura” característica dos indianos. A tradição da roupa cigana e muito de sua religiosidade derivam do culto a Santa Sara Kali.

Quanto mais detalhes alcançamos em uma pesquisa, mais o objeto se torna interessante e nos vemos envolvidos a questões de todos os tipos, no caso dos ciganos, suas lendas e tudo o que passaram a pesquisa tem se mostrado a cada dia mais fascinante em todos aspectos; destes povos podemos concluir que nada é simples, até na religiosidade, na hora de adorar uma Santa, o fazem talvez com uma das figuras religiosas mais controversas dentro do catolicismo somente afirmando o caráter livre e complexo que foge de definições simples.

As perseguições e casos de intolerância e racismo não ficaram no passado, conforme denuncia MATUOKA(2018) as violências ainda são cotidianas e enfrentadas pelos ciganos no mundo todo, ao ponto que, ainda hoje, quando um indivíduo cigano chega a um lugar de destaque, por medo da intolerância e racismo, se camufla, esconde suas origens. Porém, infelizmente, o lugar de destaque dos ciganos tem sido a marginalidade, os que ainda vivem de forma nômade não são inseridos no processo educacional e não são atendidos pelos serviços públicos. As instituições não conseguiram ou não tentaram se adaptar a este estilo de vida; e o pior, enquanto sedentarizados, os ciganos têm sido marginalizados nas escolas, o que somado aos problemas familiares (que não são poucos), contribuem para a evasão escolar.

Segundo IBGE, somente 13,7% dos ciganos mapeados tem acesso as políticas públicas, mesmo com as tentativas após a inserção dos ciganos como minorias na Constituição em 1993 e a criação do Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (2007).

Na escola, instituição responsável pela transmissão de conhecimento formal como diria Vigotsky, é evidenciado que neste conhecimento não cabe espaço aos ciganos; e quando acontece, a escola assume o papel de instituição conforme denunciado por Foucault, esta é mais um agente disciplinador, do que outra coisa; ao ponto que, conforme iremos analisar, somente reforça a imagem construída dos ciganos. Assim, as crianças ciganas têm que lidar com os mais diversos estereótipos e acabam, muitas vezes, por defesa, negando sua identidade, ou entrando para as estatísticas de “mau comportamento” e baixo rendimento.

Vários são exemplos de como nossa escola tem se equivocado no trato aos ciganos, vejamos um exemplo. Na aula de História, nas discussões entre o fim da Primeira República e a Era Vargas, ou nos materiais didáticos, não é feita menção da origem cigana de Washington Luiz; ao tratarmos do período pós-Vargas e antecede a Ditadura Militar, muito se fala de Juscelino Kubistchek, a sua política econômica, a construção de Brasília; mas não conhecemos sua origem cigana. Quando o cigano tem lugar de destaque, sua origem tem sido escondida ou simplesmente negligenciada. O exemplo acima citado, do aluno com origem cigana ou não, que tenha interesse por estes povos, dificilmente encontrará nos

materiais didáticos e demais fontes de pesquisas disponibilizados na escola, definições e histórias de ciganos sem a alcinha do preconceito.

A REPRESENTAÇÃO CIGANA NAS FONTES DE PESQUISA E LITERATURA

Nos primeiros dicionários brasileiros, Padre Raphael Bluteau trata-os como contrários a moral católica e sua prática religiosa os coloca na posição de inimigos de Deus (Por lerem mãos, não se batizarem, casarem em cerimônias fora da Igreja, terem uma crença diferente em relação à morte, entre outras práticas), enquanto que, Antônio Morais Silva, aponta aspectos culturais de forma pejorativa, os tratando como malandros e bandidos. Nos dicionários atuais também notamos resquícios dos preconceitos como:

CIGANADA, CIGANARIA, s.f. ação de cigano; multidão de ciganos.

CIGANEAR, v.int. andar sem rumo; levar vida boêmia.

CIGANICE, s.f. Traficância; nomadismo.

CIGANO, s.m. Homem de raça errante, que vive de ler a sorte, barganhar cavalos, etc; nômade. (BUENO,1992, P.149)

Verbo para os que andam sem rumo ou que levam vida boêmia, ou ainda pior, substantivo para os que praticam a traficância (s.f. Ato ou efeito de traficar, negócio fraudulento; contrabando (BUENO, 1992, p.668).

Se dicionários os definem de forma tão pesada o que dizer da literatura.

FERRARI(2006), nos propõem uma interessante discussão, em 1970, Antônio Candido, lança a Dialética da Maladragem; nesta, propõem uma discussão dialética entre dois polos que segundo ele explicam a confecção de nossa identidade cultural. Para ele ordem e desordem são apresentadas como extremos que se contraem e expandem dando a dinâmica da vida do brasileiro, em uma tentativa de explicação hegeliana/marxista elabora uma tese na qual o extremo de ordem (o que está mais relacionado a um positivismo de Comte) e a desordem (resultado da colonização de exploração, explicação também já vencida na historiografia) determinam as condições do materialismo dialético brasileiro (aqui voltando à Marx), para tal se apegam a obra de Manuel de Antônio de Almeida, Memórias de um Sargento de Milícias (1854), e destaca a figura do personagem Leonardo, que segundo ele seria o primeiro malandro que entra na “novela brasileira”. Isto porque Leonardo se relaciona com ciganos e com estes aprendeu a ser malandro; um grupo de ciganos se estabeleceu no Rio de Janeiro no Largo do Rossio a partir do século XIX, são tratados como pragas por Manuel de Antônio de Almeida, no decorrer do século XIX irão participar assiduamente no comércio de africanos escravizados e conseguiram algum tipo de destaque social; mas na obra em questão não são apresentados desta forma, pelo

contrário, a cultura cigana, festas, vestimentas, vida em barracas, é apresentada como símbolos do atraso e da marginalidade, ao ponto que, como citado, são chamados de “pragas ciganas”.

Quem descreveu bem o histórico dos ciganos no Brasil foi TEIXEIRA(2008), e após traçar várias rotas ciganas menciona os ciganos do Rio de Janeiro, estes que a partir de 1808, com a vinda da corte para o Brasil tiveram ascensão devido ao comércio de escravos, ao ponto que os oficiais de justiça do Rio de Janeiro eram todos de origem cigana, e um rico cigano da época, conhecido pela agiotagem e comércio de escravos, João Rabelo patrocinou danças e homenagens a D. Pedro I e Leopoldina, após este feito, ganhou o título de Sargento Mor do 3º Regimento de Milícias da Corte.

Sobre Memórias de um Sargento de Milícias devemos entender um contexto maior, o romantismo europeu tratava o cigano como alguém livre e integrado a natureza, a mulher cigana é vista como alguém sensual e vingativa, fascinante e passional; características de obras como *Notre-Dame de Paris* de Vitor Hugo (1831), que tem como um dos protagonistas a cigana Esmeralda; está tem uma beleza quase que celestial e atrai paixão de outros três personagens homens, vindo a se interessar pelo único que é comprometido. Em outra obra, *Carmem* de 1845, de Prosper Mérimée, adaptada para a ópera Bizet; Carmem é uma cigana que usa seus encantos, sua dança e sua feitiçaria para conquistar Don José, nobre oficial que após se envolver com a cigana torna-se um fora da lei. Notamos este romantismo na obra, principalmente no tocante a imagem da cigana. Mas outra corrente de pensamento influenciou ainda mais na forma que o cigano é retratado, em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1980), Rita é uma mulata que atrai olhares, Piedade uma portuguesa enciumada chama Rita de “cigana”, além de evocar o romantismo em torno da figura sensual e sedutora da mulher cigana, como em Esmeralda e Carmem, por trás desta cena está embutido algo maior; as teorias racistas que viam o cigano como seres sociais e o imaginário coletivo que relaciona os ciganos com a malandragem, por meio do crime e da violência; o termo cigano ganhou proporções pejorativas.

Em sua busca por ordem e desordem, Antônio Candido, propõem que a Malandragem do brasileiro, aquela que a tempos é vendida no exterior, da sensualidade de Carmem Miranda ao jeitinho do Zé Carioca, não foi herdada de índios, negros e portugueses; mas dos ciganos.

“Entre o malandro Leonardo e a mulata Rita há, portanto, um pano de fundo comum. Ambos representam personagens ambíguos e, ao mesmo tempo, servem potencialmente de signo à construção de uma identidade própria brasileira. Sob esse aspecto, parece interessante pensar a aproximação do cigano a tais personagens. Ao que tudo indica o cigano, que no plano mais geral é um mediador, desempenha aqui a mesma posição estrutural, impregnada, contudo, de um conteúdo particular. Contribuindo para a construção de um universo simbólico ambíguo, o cigano é apropriado para pensar a identidade brasileira” (FERRARI, 2006. p.5).

CIGANOS NO BRASIL

Não sabemos quando chegaram na América Portuguesa os primeiros ciganos, o que temos é um documento de 1574, que menciona que João Torres sua esposa Angelina e os filhos foram degredados para a colônia Brasil; não sabemos se aqui chegaram ou em quais condições que este documento foi redigido. O que é sabido, DONAVAN (1992), é que entre 1706 e 1750 D. João V deportou vários ciganos para o Brasil, com ordens específicas, que os mesmos não fossem fixados em cidades portuárias mas que fossem enviados a habitarem os sertões, pois para a corte, os ciganos eram melhores do que os índios, pois da ganancia dos ciganos a coroa poderia obter algum lucro.

Os *rom* de origem ibérica fazem parte do tecido étnico brasileiro desde o século XVI. Enquanto na Europa e na América do Norte o termo *gypsy* tornou-se politicamente incorreto, por sua conotação ofensiva, no Brasil os *rom* ainda são chamados oficialmente de ciganos (6). Os dois grupos ciganos principais no Brasil são os *calon* e os *rom*. Suas comunidades estão localizadas principalmente nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. Uma vez que o censo brasileiro não inclui a categoria ciganos e muitos continuam a negar as suas origens, existem apenas especulações a respeito de seus números. Mas Jorge Bernal (2003) afirma que a população cigana das Américas (Norte e Sul), estimada em um milhão e meio de pessoas, está em grande parte concentrada no Brasil, onde cerca de 800 mil a 1 milhão de pessoas identificam-se como ciganos. Se esses números estiverem precisos, o Brasil teria a maior população cigana do mundo, seguido da antiga Iugoslávia e da Romênia. (CAIRUS,2014)

Sobre a presença dos ciganos Kalon (Caló) na Península Ibérica, ARISTICTH (1995) vai propor que estes participaram das invasões mouras, e se estabeleceram em Portugal e algumas regiões da Espanha, mesmo com as Guerras de Reconquistas. Em Portugal, como retaliação a participação dos ciganos nas conquistas mouras, foram deportados para as colônias portuguesas. Muitos ciganos deveriam ser mandados para a Angola, e como isto não aconteceu; ou por erro dos oficiais, ou por subornos; mas o fato é que muitos vieram para o Brasil e quando uma epidemia de varíola no século XVIII assolou a população, está foi associada aos ciganos, a primeira grande demonstração de intolerância associada aos ciganos no Brasil TEIXEIRA(2008).

Outra parte da história dos ciganos no Brasil que tem sido negligenciada é sua participação na descoberta de ouro em Minas Gerais, em 1718 um grupo deportado de Portugal teria se estabelecido em Minas e no auge do ouro participaram do garimpo; a coroa preocupada com o destino do ouro passou a perseguir os ciganos, acusando-os de perturbadores da ordem, Tiradentes teria exterminado uma família de ciganos, o que não sabemos se as pessoas assassinadas eram de fato ciganas, já que os relatos diziam que seriam ciganos porque eram bandidos, mas o fato em si é que, o herói da República de forma covarde matou pessoas desarmadas e de surpresa e por estas serem consideradas ciganas o feito foi relatado como aponta TEIXEIRA(2008) como ato heroico.

Se o comércio de pessoas escravizadas proporcionou algum tipo de ascensão econômica aos ciganos, com o fim da escravidão, estes tiveram que criar meios de se readaptarem; com a República veio a busca por uma higienização e urbanização, o que é demonstrado em “O Cortiço”, nesta busca pela Ordem e Progresso as perseguições aos grupos marginalizados se intensificaram. Leis foram criadas propondo a sedentarização de grupos de ciganos, prática adotada desde de 1761, que foi intensificada na Primeira República, como por exemplo, os filhos dos ciganos serem levados para servir o exército, ou as “correrias”, eventos que ocorreram em 1892, 1897 e 1903 nos quais a polícia de Minas usou de extrema violência contra grupos de ciganos forçando-os as mobilizações forçadas para fora do Estado (TEIXEIRA,2008).

No início do século XX, novos grupos de imigrantes chegam no Brasil, a polícia se volta a estes grupos, pois entre estes teriam operários com consciência política moldada nas direções do socialismo, comunismo, trabalhismo e anarquismo, estes serão introduzidos no imaginário popular como os novos inimigos públicos; com as greves trabalhistas e depois com a política anticomunista de Vargas e todo o contexto da Segunda Guerra Mundial, estes trabalhadores terão os olhares da polícia e das políticas de repressão. No entanto, entre os imigrantes “politizados”, muito destes imigrantes eram de origem cigana, camuflavam suas origens étnicas e anunciavam somente como nacionalidade o país de embarque; ou seja na chegada do Brasil, não mencionavam a origem cigana, o que não era necessário sendo o que lhes era perguntado era a nacionalidade, com isto vários ciganos chegaram no Brasil no período que antecede Vargas. É destes grupos de imigrantes que virão os parentes ciganos dos presidentes Washington Luís (adversário de Vargas) e Juscelino Kubistchek (sucessor de Vargas).

A REPRESENTAÇÃO DOS CIGANOS NA ESCOLA

Como já citado, nas escolas, não temos um ambiente propício para as pesquisas em torno dos ciganos se levamos em consideração os materiais oficiais; como já mencionado; pois quando um cigano chega a alguma posição social mais favorecida tende a esconder suas origens, ou esta origem ter sido escondida em algum momento, por isso sabemos tão pouco dos ciganos que se destacam. Como, na literatura, Castro Alves e Cecília Meirelles; na televisão, Dedé Santana; na música, Benito di Paula e Sidney Magal (este último é exceção tendo participado até de novelas interpretando personagem cigano), e os já citados Washington Luís e Juscelino Kubistchek, os únicos presidentes de origem ciganas em países modernos no mundo.

Em Portugal, o governo, por meio do Ministério da Educação, elaborou um interessante material de apoio, uma cartilha¹ que traz questionamentos sobre diferenças e curiosidades da cultura cigana; após citações de relatos de ciganos portugueses são

1. Ministério da Educação. Histórias do povo cigano – sugestão de atividades para o ensino básico, Portugal, 2001.

propostas discussões entre os alunos, com isto, a cultura cigana é apresentada para a população em uma busca permanente na quebra de rótulos e uma maneira de fazer com que o aluno cigano se sinta representado e como parte do processo. Esta cartilha é um exemplo que podemos adaptar à realidade dos ciganos nacionais.

Concluimos que várias são as abordagens possíveis sobre os grupos de ciganos em sala de aula; o assunto sobre a literatura não foi esgotado neste texto, outras obras famosas possuem citações sobre os ciganos que podem ser trazidas para sala de aula. A Arte, a Geografia, a Filosofia, a Sociologia; todos estes campos encontram neste objeto material farto; o mesmo pode ocorrer (e deve) nas aulas de História, o ambiente místico, as perseguições, as formas de resistência, as várias regiões e momentos históricos tão importantes sobre os ciganos podem render várias discussões e despertar o interesse dos alunos, para quem sabe, com esta forma, esta minoria tão peculiar de grupos humanos possa conseguir romper com o imaginário de intolerância e vencer seus desafios particulares.

Propositalmente não tratamos das várias histórias de crimes e violências cometidos pelos ciganos; até por que, esta pesquisa procura demonstrar o outro lado das histórias e explicar o porquê do nomadismo, o porquê da intolerância.

Cabe ainda mais uma reflexão, no país que supostamente tem o maior número de ciganos do mundo, o único país com presidentes de origem cigana; devemos levar em consideração as influências dos ciganos em nossa formação, não como propôs Antônio Candido, relacionado a tal malandragem do brasileiro ao cigano. Até por que, sobre a malandragem do brasileiro, HOLANDA(2012), deixa bem claro que:

A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a, como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de ideias, gestos e formas que encontra em seu caminho, assimilando-os frequentemente sem maiores dificuldades (p.59).

A malandragem foi aqui implantada por vários fatores, entre eles o modelo de religião de aparências que se molda conforme a necessidade; e desta religião os ciganos não tiveram “culpa”.

Quanto ao caráter questionável dos ciganos frente ao comércio Weber(2003) já havia alertado no início do século XX que o comércio sempre existiu e sempre foi moldado por práticas questionáveis, sendo um dos diferenciais dos países desenvolvidos a avareza dos Calvinistas; ou seja, atribuir nossas mazelas econômicas e o estilo de vendas sem ética dos nossos comerciantes aos ciganos, também é um pensamento muito ultrapassado.

Por fim, como minoria, os ciganos devem serem assistidos de forma diferenciada; para preservação de sua cultura e principalmente, garantia de direitos para os membros que fazem parte destes grupos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE JÚNIOR, L. **Os ciganos e os processos de exclusão**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 33, nº 66, p. 95-112- 2013

ARISTICTH, J. **Verdade Sobre Nossas Tradições**. Brasil, Editora Irradiação Cultural, 1995.

BUENO. S. **Minidicionário Silveira Bueno**. São Paulo. Editora LISA. 6ªedição. 1992.

CAIRUS, B. G. A construção das identidades ciganas no Brasil, São Paulo, Jornal da USP Especial, 2014.

DONOVAN, Bill M. “**Changing Perceptions of Social Deviance: Gypsies in Early Modern Portugal and Brazil**”, São Paulo, Jornal de História Social, v. 26, n. 1, 1992.

FERRARI, F. **Ciganos Nacionais**. São Paulo, USP. Acta Literaria Nº 32 (79-96), 2006

FREYRE. G. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo, editora Global, 51ªedição, 2006.

Grande Enciclopédia Delta Larousse, 1973. Editora Delta, Rio de Janeiro. p.1662-1664

Hilkner, R. A. R. **Ciganos: Peregrinos do Tempo- Ritual, cultura e tradição**. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

HOLANDA, S. B. **O Homem Cordial**. São Paulo, Peguin Classics Companhia das Letras, 2012.

MATUOKA. I. **Educação de ciganos no Brasil é marcada por preconceito**. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/09/26/educacao-de-ciganos-brasil-e-marcada-por-preconceito/> Acesso em: 31/10/2019

ROCHA, E. **O que é Mito**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1999.

TEIXEIRA, R. C. **História dos Ciganos no Brasil**. Núcleo de Estudos Ciganos Recife – 2008

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito Capitalista**. Sumaré, Editora Martin Claret. 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adesismo 18
Apocalipse 183, 184, 185, 186, 187
Arquitetura Escolar 1, 5, 8, 16

B

Bailarino 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165
Barão do Abiahy 18, 19
Brasil Colonial 166, 172
Brasil Império 18, 19

C

Cesare Brandi 267, 268, 278
Cinema 148, 159, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 251, 252, 275
Cristãos-novos 284
Cronologia 122, 146, 154, 155
Cultura Cigana no Brasil 133

D

Dança 141, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172
Descaracterização 279, 280, 281, 282
Desenvolvimento 1, 3, 4, 7, 9, 13, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 132, 139, 146, 152, 157, 158, 161, 164, 194, 197, 219, 222, 242, 243, 250, 251, 257, 259, 261, 263, 266, 289
Direitos 65, 81, 87, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 124, 130, 131, 144, 177, 178, 212, 227, 260
Disputas 21, 87, 180, 214, 263

E

Escolarização 1, 3, 4, 8, 9, 11, 15, 63, 65, 77, 78, 82, 133, 237
Experiência 13, 14, 35, 38, 45, 47, 58, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 79, 86, 90, 162, 172, 176, 184, 196, 205, 228, 268

F

Formação 4, 5, 16, 20, 21, 22, 27, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 56, 60, 77, 81, 85, 86, 88, 90, 98, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 144, 145, 147, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 174, 177,

197, 202, 213, 218, 230, 232, 237, 238, 241, 242, 243, 247, 252, 260, 271, 275

G

Gênero 29, 31, 33, 35, 98, 107, 118, 165, 185, 186, 187, 189, 191, 196, 201, 202, 211, 230

H

Hiroshima 70, 71, 74, 76

Honra 70, 74, 75, 177

I

Identidade 15, 29, 41, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 111, 135, 139, 140, 141, 156, 166, 168, 169, 170, 171, 176, 194, 195, 197, 201, 220, 226, 228, 242, 243, 245, 254, 280

Instituição Escolar 1, 11, 46, 47, 49, 50, 51

Intolerância 133, 134, 139, 142, 144, 269

J

Jean-Baptiste Debret 229, 230, 231, 232, 239, 240

Judaísmo 183, 188, 191

L

Lei do Ventre Livre 18, 20, 22, 24, 77, 79, 81, 82, 84, 85

Linguagem 34, 47, 165, 166, 169, 170, 197, 201, 203, 204, 206, 209, 214, 226, 228, 233, 234, 241, 268, 271, 273, 275, 276, 277

M

Mata Atlântica 255, 258, 265

Memória 11, 12, 13, 14, 15, 17, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 50, 65, 69, 97, 98, 146, 147, 150, 155, 156, 169, 176, 194, 207, 229, 230, 232, 238, 240, 278, 279, 280

Migração 134, 217, 218, 221, 223, 228

Milícia 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131

Movimentos Sociais 65, 118, 173, 180, 182

Mulher 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 136, 137, 141, 201, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 230, 287

N

Nagasaki 70

Negros 55, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 141, 170, 171, 231, 232, 258

P

Pensamento 19, 22, 23, 29, 31, 34, 41, 52, 54, 58, 64, 66, 68, 72, 86, 90, 98, 100, 141, 144, 174, 182, 186, 188, 198, 207, 210, 219, 228, 232, 269, 285

Peronismo 192, 193, 194, 195, 199, 200

Política 3, 9, 11, 12, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 48, 52, 56, 88, 93, 95, 99, 101, 112, 113, 119, 120, 128, 129, 130, 131, 139, 143, 151, 155, 161, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 180, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 208, 219, 225, 232, 234, 235, 243, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 265, 285

Produção 3, 5, 6, 8, 10, 16, 29, 31, 32, 33, 34, 39, 44, 49, 50, 54, 60, 65, 76, 99, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 125, 128, 134, 162, 163, 175, 184, 189, 190, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 220, 231, 232, 235, 253, 255, 256, 257, 271, 272

Profano 166, 168, 169, 170

Q

Quilombos 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96

S

Sacro 166, 169, 263

Santo Ofício 284, 285, 286, 289, 292

Segunda Guerra Mundial 42, 43, 45, 70, 143

Sertão 146, 147, 151, 152, 155, 219, 224, 226, 245, 281

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 31, 35, 36, 39, 44, 46, 47, 50, 52, 63, 65, 66, 70, 71, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 89, 91, 93, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 119, 123, 128, 132, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 154, 155, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 175, 177, 178, 181, 191, 194, 197, 203, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 219, 222, 223, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 240, 241, 242, 250, 263, 266, 273, 274, 275, 283, 287, 288, 292

T

Tempo 2, 3, 4, 9, 13, 14, 17, 20, 21, 25, 31, 34, 35, 36, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 60, 61, 66, 68, 69, 72, 73, 74, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 98, 101, 103, 105, 106, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 131, 132, 134, 136, 138, 141, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 167, 168, 170, 171, 173, 175, 183, 184, 185, 195, 199, 202, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 222, 227, 231, 233, 235, 242, 243, 249, 252, 258, 260, 265, 266, 268, 269, 270, 273, 274, 280, 281, 286

Territórios 37, 76, 87, 89, 93, 94, 95, 174, 182

Transformação 63, 99, 149, 169, 185, 195, 199, 243, 255

Turismo 119, 242, 246, 250, 251, 252, 253, 255, 262

U

Unidades de Conservação 255, 264

Urbanização 102, 143, 235, 242, 243, 250

V

Verdade histórica 28, 30, 37

Violência 9, 91, 97, 116, 121, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 143, 150, 155, 194, 197, 199, 260, 265

Z

Zapatismo 173, 174

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História